

Anexo I

Figura 1. Mapa ilustrativo do Continente Africano¹



1

Fonte: <http://www.paises-africa.com/mapa-africa.htm>. Consultado em Maio de 2016.

Anexo I I

Todas as entrevistas em anexo foram transcritas textualmente de acordo com os originais, tendo nós procedido a um mínimo de alterações possíveis.

Entrevista ao Dr. Manuel Pereira Silva, realizada no dia 15 de Março de 2016

Manuel Pereira Silva falou essencialmente do colonialismo, da divisão de África em muitos pequenos territórios, dos países da CEDEAO, sua evolução e integração. Mencionou a formação dos estados anglófonos, francófonos e lusófonos. Ao ser questionado sobre a língua, afirmou que a questão da língua não se resume apenas à fala, pois que a língua exprime sentimentos, modos de vida, modos de organização social, modos de produção e que a expressão linguística é uma forma de espiritualidade. Disse que era necessário haver uma forma eficaz de comunicação entre os portugueses e os escravos e entre as pessoas que traficavam os escravos. Segundo afirmou, é em Cabo Verde que os traficantes de escravos encontram essa possibilidade de isolar os escravos, latinizá-los e cristianizá-los, o que conduz a um aprofundamento do crioulo. Disse ainda que em Casamança fala-se o crioulo muito antigo da Guiné-Bissau e que é por isso que existe crioulo em Coraçau. O crioulo deriva da necessidade de haver uma língua de entendimento entre as várias línguas que a escravatura pôs em contacto. Ainda segundo Manuel Pereira Silva, a escravatura serviu para separar povos e culturas, levou africanos de várias regiões para o Brasil, mas também serviu para unir povos e culturas. Separou povos porque retirou essas pessoas das suas regiões, mas também serviu para unir povos. Criou conflitos e a África foi dividida em pequenos territórios. Do ponto de vista linguístico, sucedeu a mesma coisa e, ao falar da importância da língua, importa salientar que não se trata apenas de uma questão de oralidade mas também de espiritualidade, valores, tradição, modos de produção, organização social, organização do trabalho etc. O escravo era ensinado a manusear muito bem os instrumentos de trabalho europeu. Outro aspecto importante foi a cristianização. Para tornar o indivíduo cristão, torná-lo obediente, houve a necessidade de se recorrer ao padre que era um recurso, uma referência. A Igreja teve muita influência na organização territorial, no espaço. As primeiras unidades administrativas em Cabo Verde foram criadas pela igreja: as freguesias, que são um conjunto dos fregueses, eram divisões muito bem-feitas, não existiam apenas em função do tamanho do território, mas da

continuidade e contiguidade, da distribuição espacial das pessoas, da organização do trabalho e da produção.

ANEXO III

Entrevista ao Dr. Osvaldo Lopes da Silva, realizada no dia 17 de Março de 2016

Júlia Ramos: Esta entrevista será um complemento para a minha dissertação de Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas.

Júlia Ramos: Que importância atribui à língua e à cultura no processo de integração da CEDEAO? Faço essa pergunta porque o homem desde sempre teve necessidade de comunicar e desde o início as questões culturais estiveram sempre presentes. E como a minha intenção é entender se de facto a língua e a cultura, num ambiente Multilingual e multicultural, tiveram influência nesse Processo de Integração da África Ocidental, gostaria de ouvir a sua opinião.

Osvaldo Lopes da Silva: As línguas dos colonizadores criaram realidades políticas, porque atrás de cada língua do colonizador há toda uma realidade política, económica e social, e hoje pode-se falar em várias Áfricas, conforme o colonizador. Essa realidade manter-se-á ainda durante muitos séculos, por exemplo temos o caso das diferenças entre a África anglófona, a África francófona e a África lusófona”. Referindo-se à CEDEAO, afirmou: o quadro jurídico da CEDEAO é interessante e a CEDEAO, por exemplo, por mais esforços que faça não tem conseguido uma integração desse espaço, espaço económico porque quem é anglófono tem as suas relações que foram definidas pela história, bem como as convências, as solidariedades. Da mesma maneira que nós tivemos a Casa dos Estudantes do Império em Lisboa, os de expressão francesa tiveram também os seus espaços de solidariedade, houve o Liceu William Ponti que representou para os francófonos aquilo que a Casa dos Estudantes do Império representou para o lusófono. Com o passar do tempo, isso vai-se diluindo. As amizades e as convências que se estabeleceram no âmbito da Casa dos Estudantes do Império tiveram a sua época e acabarão por desaparecer. De igual forma William Ponti era o colégio de grande nível que a França tinha criado para formar as suas elites africanas, mas os franceses não foram tão longe como os portugueses na separação. Uma das frustrações de Sekou Touré é não ter sido admitido como aluno do Colégio William Ponti porque não tinha nível para frequentar esse colégio. Por um lado, tinha de ter qualificação académica e ter boas notas e por outro lado tinha de ter alguma ligação com os chefes tradicionais, tendo em conta que a França estava a criar uma elite. E Sekou Touré não era ligado a nenhuma tribo, a nenhuma cheferie. Todos esses dirigentes da primeira geração frequentaram William Ponti. De

contrário, ou seja, se não tivessem frequentado William Ponti, não teriam tido essa qualificação, essa capacidade para ser dirigentes.”.

Júlia Ramos: Acha que o conjunto dessas três línguas dos povos anglófonos, francófonos e lusófonos da África Ocidental terá constituído alguma barreira para esse processo de integração, tendo em conta que há pouco afirmou que essa integração não foi conseguida?

Oswaldo Lopes da Silva: Acho que sim, há uma barreira durável, mas essa barreira vai-se esbatendo. Quem frequentou a CEDEAO, não há dúvida que há muito mais convívio entre o Gana e a Nigéria, a própria Gâmbia, que marca sempre uma hostilidade em relação ao Senegal e são vizinhos. Há sempre conflitualidade entre vizinhos. Portugal e Espanha, França e Inglaterra. Vizinhos são quase sempre conflituantes. Porquê? Porque a disputa dos interesses está à porta de casa. Há muito mais afinidade entre a Guiné-Bissau e o Senegal. Se a evolução da Guiné tivesse sido outra, a Casamança estaria com a Guiné-Bissau porque havia alguma afinidade durante a luta. Embora os apoios políticos durante a luta estivessem do lado da Guiné Conacri, mas analisando, verificamos que a população de Casamança era constituída pelas mesmas pessoas que falam o crioulo. Não se compreende a posição Portugal pois vai de absurdo a absurdo. Pretender ligar Angola a Moçambique tendo em conta que ainda não tinha ainda o controlo do território de Angola nem do território de Moçambique. Não tinha força demográfica para isso. Teria de ter força demográfica, recursos, indústria, comércio e gente. Não tinha nada disso e arrojou-se a querer o mapa-cor-de-rosa, que abrange o território que vai de Angola e Moçambique, ou seja que se estende para a Zâmbia, Zimbabué e Malawi, estes três territórios. Era um território imenso, muitas vezes maior do que Angola e Portugal quer possuí-lo, invocando as bulas papais. Para conseguir o apoio da França cede Casamança, que era um território *crioulizado*. Até hoje *crioulizado*.

Júlia Ramos: Pensa-se que o crioulo de Cabo Verde foi originário de Casamança?

Oswaldo Lopes da Silva: É difícil fazer essa afirmação. Quem criou o crioulo foi o escravo ou foi o dono do escravo? Remete-me essa pergunta e afirma com uma opinião contrária à minha (crioulo criado pelo escravo) de que o crioulo surgiu em Cabo Verde originado pelo colono e pelos escravos. O colono, para se fazer compreender, foi simplificando a sua língua, houve uma simplificação do português. E é esse mesmo

crioulo que se fala em Cabo Verde. O crioulo surgiu em Cabo Verde. Aqui é que se concentravam as tribos diferentes de escravos, nenhuma tribo de escravos podia dominar a outra. Havia várias línguas, o flupe, o balanta e outras. O português usava muitas línguas, e explica que línguas eram o intérprete, assim era denominado. Enquanto na Guiné-Bissau era possível utilizar línguas, aqui em Cabo Verde seria necessário utilizar muitas línguas porque havia pessoas de várias regiões. Parece-me que o colono começou por simplificar a sua língua para se fazer entender e é com essa simplificação que se chega a Curaçau, o *Papiamento* que parte de Cabo Verde para Curaçau e Aruba. Há um movimento nos dois sentidos, o escravo cria o seu código para se fazer compreender e o dono de escravos também sente a necessidade de simplificar a sua língua para se fazer compreender. É nos dois sentidos. Trata-se de um movimento integrador nos dois sentidos.

Júlia Ramos: Tenho a informação de que, segundo Roger Bastide², a Escravatura, a venda de escravos, acaba por afastar os povos, porque os retira das suas regiões, dos seus países, mas também acaba por os aproximar aos outros povos, que também são deslocados das suas terras³.

Oswaldo Lopes da Silva: A história passa rasteiras, cria-se uma outra realidade política. O Cabo-verdiano não pensava criar uma nação. Os portugueses criaram a nação cabo-verdiana. A história tem de ser contada. A África tem de avançar ainda mais para se conhecer as conviências estabelecidas durante o período colonial. Dos colonizadores, o Inglês foi o mais esperto, o mais culto, o mais evoluído. Com os Ingleses a colonização teria sido muito mais interessante. Os ingleses chegaram à conclusão que seria muito mais interessante explorar o africano em África do que levá-lo para a América Latina. E explorar-lhe como homem livre do que como escravo. Manter um escravo é muito mais caro do que manter um assalariado. Essa é que é a grande realidade. Porque é que os ingleses fizeram isso? Fizeram-no porque tinham uma indústria. Porque associar a Inglaterra à revolução industrial, que vem na sequência da revolução agrícola que

² Sociólogo francês (1 de Abril de 1898 – 1974). Autor da obra : *La Notion de personneen Afrique noire* (A Noção de pessoa na África negra), 1973.

³ Entrevista feita ao Dr. Manuel Pereira Silva no dia 18 de Setembro de 2015 que diz ainda que, segundo Roger Bastide, há não só um afastamento, mas também uma junção com outros povos no sentido de que, após serem reunidos em um novo local, novo país, esses escravos passam a conviver de uma forma mais estreita entre eles, o que provoca essa junção, para além do facto de terem sido colocados no mesmo local.

liberta braços, a revolução agrícola permite a produção de alimentos em quantidade suficiente para se ter excedentes, há excedentes. A França não fez isso, a revolução agrícola surge muito mais tarde em França. A Revolução Industrial permite ter uma marinha de guerra, a maior marinha do mundo. A Inglaterra dominou o mundo porque tinha uma marinha poderosa, que outras nações não tiveram. A França nunca conseguiu ter uma marinha. A própria Alemanha, na segunda guerra mundial, não conseguiu. A Alemanha não venceu a guerra porque não tinha uma marinha comparável à marinha da Inglaterra. Apesar de tudo quanto fez com a utilização dos submarinos, mas a Inglaterra aguentou porque a marinha era poderosa. A Inglaterra é a pioneira no combate à escravatura. A abolição da escravatura aconteceria em primeiro lugar nos Estados Unidos, que eram o grande concorrente da indústria têxtil inglesa. A Inglaterra tinha uma indústria têxtil baseada na produção da lã, enquanto os Estados Unidos, os estados do sul, cultivavam o algodão. Mas a Inglaterra tinha outra vantagem porque já era uma potência industrial, tinha a produção de teares, máquinas para explorar a indústria têxtil. Tinha todo o interesse em abolir a escravatura. Os Estados Unidos não poderiam manter a indústria têxtil sem a escravatura. Estava orientada para a escravatura. A Inglaterra, por sua vez, como um país que já tinha a indústria, berço da revolução industrial, não podia ter a sua produção baseada no trabalho do escravo. A indústria não pode funcionar com um escravo à frente de uma máquina porque seria necessário ter atrás do escravo dois ou três guardas para evitar a sabotagem. Ao passo que na agricultura é possível. Uma economia agrária pode funcionar com o recurso à escravatura. Uma sociedade industrial não pode e não funciona.

ANEXO IV

Entrevista à Dra. Maritza Rosabal, realizada no dia 17 de Março de 2016

Explicação do tema da Dissertação do Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas, cujo tema é Multilinguismo e Multiculturalismo no Processo de Integração da África Ocidental, bem como do subtema que é o papel do Tradutor e do Intérprete na facilitação da comunicação no ambiente Multilingual e Multicultural na CEDEAO.

Maritza Rosabal: Tens aqui grandes coisas: Multilinguismo e Multiculturalismo no Processo de Integração da África Ocidental. Achas que há um processo efectivo de integração na África Ocidental?

Júlia Ramos: Penso que sim. O processo foi iniciado para dar resposta a questões económicas e políticas. A minha curiosidade é saber que papéis desempenharam a língua e a cultura nesse processo de integração. O processo de integração teve como principais objectivos a integração económica e política, embora não esteja terminado ainda. Para o estabelecimento desse processo de integração os negociadores tiveram de fazer recurso à língua e à cultura.

Maritza Rosabal: estou a pensar apenas em Cabo Verde, não ao nível do continente. Estou a pensar na parte insular e, sobre a África Ocidental, apenas conheço o Senegal e a Guiné-Bissau. Penso que foi mais um processo político, foi mais uma aproximação política. Por exemplo, a língua francesa, é a língua mais utilizada na África Ocidental. Havia até mais tradição antigamente do francês do que agora. O Inglês está a ganhar mais força. Mas mesmo assim, os cabo-verdianos ainda não influenciaram em nada a língua de eleição para a comunicação e nem o sinto muito, por exemplo, no crioulo. Fico a pensar que há todo esse processo de tentativa de integração da nossa insularidade no continente, nesse caso na região da África Ocidental, porque de facto pertencemos à plataforma, etc., mas linguisticamente essa é uma diferença, porque todo o nosso acerto foi mais uma aproximação com Portugal pela colonização e, como já disse, na África Ocidental o português não é uma língua de comunicação. O crioulo sim é uma língua de comunicação aqui em Cabo Verde e no Senegal na região de Casamança e na Guiné-Bissau, isso por um lado. Por outro lado, mesmo com a comunidade económica estabelecida, política, politicamente correcta estabelecida, nós temos aqui uma grande

afluência de pessoas do continente que falam o francês, cuja língua de comunicação predominante é a francesa, mas não sinto isso e não me parece que tenha tido muito impacto. Penso que as pessoas chegam e absorvem o crioulo mais rapidamente, pois eles se apropriam do crioulo como língua de comunicação, mas não exercem influência no meio. São percepções, embora não tenha certezas. Acho que do ponto de vista relativo a questões culturais que engloba tudo, desde a forma de estar até a culinária, sente-se muito mais a presença da África Ocidental aqui em Cabo Verde. Por exemplo os tecidos, as roupas, os trajes e mesmo as elites utilizam roupas africanas, esse colorido que nos invadiu de repente e, pelo menos aqui na Praia, nota-se essa influência. Vê-se esse colorido no mercado, a influência na alimentação, o *shuarma*, a galinha cafriela, o cuscuz marroquino, alimentação é algo muito interessante, a utilização de algumas especiarias e pratos. Trata-se da aceitação dessa cultura e de interagirmos com ela, embora não tenha certezas. Isso sim *a priori*. São dois temas muito centrais, outra coisa também é a religião. Temos aqui em Cabo Verde uma população muçulmana muito maior do que antes, sobretudo estas questões que me parecem ser mais centrais. Uma outra coisa interessante, em termos da mulher, a colocação do cabelo, o pintar as unhas. Antigamente não era uma tradição em Cabo Verde, são hábitos que vão entrando profundamente, por exemplo as mulheres hoje, mulheres urbanas e esse multilinguismo.

Júlia Ramos: Essencialmente a minha intenção é começar por evocar a história, a língua e a cultura. São aspectos importantes, tendo em conta que a língua não é só o facto de nós falarmos que constitui a língua, não se trata apenas do aspecto verbal. Penso que na língua estão muito interiorizados os aspectos espirituais, e a minha intenção é focar a parte da história inicial que envolve a escravatura. Pensei na Maritza essencialmente pela história de Cuba, por causa de alguns exemplos, ou seja, a história da cultura do tabaco, o aproveitamento dos ingleses, franceses e americanos relativamente à escravatura. Podemos também ver a história do Brasil e vemos que há toda essa importância do relacionamento dos escravos com os colonos que chegaram a esses países africanos e que de facto contribuíram para haver um desenvolvimento da cultura e da língua pela junção que se fez. Por exemplo, o quê que os colonos fizeram? Tentaram simplificar a língua deles no sentido de se fazerem entender e os africanos aproveitaram para adquirir aspectos culturais através da convivência para poderem ter um produto final.

Maritza Rosabal: Temos de pensar num contexto espacial onde as coisas acontecem e no tipo de actividades. Se pensarmos na escravatura no Brasil e em Cuba, e que têm características marcadamente muito diferentes, estão ligadas à economia e à distribuição espacial. Aqui em Cabo Verde, por exemplo, os espaços são pequenos, mas a interacção era muito maior. Não havia o que se verificava na América Latina que era a casa grande e a senzala. Aqui os escravos viviam num lugar e havia maior comunicação com os escravos de casa. Na América Latina havia pouca comunicação devido ao grande espaço. A qui as distâncias não são muito grandes, tudo é muito mais próximo. Houve necessidade de comunicação, mas com grande predominância em termos de religião, dos outros aspectos da espiritualidade do branco. Os escravos não frequentavam a igreja. Não tinham acesso. Eram mundos diferentes. Aconteceu o mesmo nos Estados Unidos. É por isso que surgem as pastorais. Os escravos eram afastados de todos os ritos da população branca e há também muita semelhança tanto no Brasil como em Cuba com o batuque e a dança africana, há um sincretismo religioso, mas com a predominância dos ritos e da imagética africana, e predomina por exemplo a religião Geruba, no Brasil o pai de santo, o candomblé. Em Cuba e no Brasil a língua predominante é a do colono. Esta separação provoca diferenças em termos culturais e desenvolveram todo o sincretismo. Aqui em Cabo Verde não se impõe a língua, será por ter sido o primeiro lugar a ser descoberto? Em cuba começa mais tarde. Como ocorreu esse processo de colonização, de construir tudo de novo. São dois processos diferentes. Quando os colonos chegaram a Cuba já havia uma experiência de colonização.

Maritza Rosabal: Havia população índia em Cuba e essa população foi exterminada. No primeiro período de exploração do ouro, a população foi dizimada, na segunda fase levaram os escravos para a exploração da cana-de-açúcar. São processos diferentes até no tempo. Não se estabelece uma relação de convivência com o escravo no quotidiano. Aconteceu o mesmo no Brasil, enquanto em Cabo Verde foi muito diferente. Como se constrói a História a partir de grandes factos, a história não se constrói a partir do quotidiano. A população era toda escrava? Antes de chegarem os colonos já havia uma população. Trouxeram tradutores para facilitar a comunicação. Em Cuba havia uma população que foi sujeita pela força das armas. Cristóvão Colombo viajou com soldados. São processos bem diferenciados. Contudo havia um processo de criação de uma população mestiça, que era discriminada, mas que era utilizada como agentes de colonização.

Júlia Ramos: Será que os negociadores fizeram recurso à língua e à cultura, tendo em conta que temos pelo menos três línguas e três culturas diferentes, embora saibamos que mesmo dentro da África anglófona há culturas diferentes. Por exemplo, não há o mesmo tipo de cultura na Nigéria e na Gâmbia, existem diferenças ao nível cultural. Será que os negociadores tiveram, em algum momento, a percepção de que estavam a utilizar dois veículos extremamente importantes, a língua e a cultura, para poderem iniciar e dar continuidade a esse processo de integração económica e política? Como é que poderá haver comunicação entre eles se não dominavam as mesmas línguas? Gostaria de saber ao nível da história inicial, como é que se processou essa comunicação, pois o homem sempre teve necessidade de comunicar, o homem sempre utilizou a mímica, os objectos, daí a utilização de tradutores que referiu há pouco.

Maritza Rosabal: Estou a pensar na colonização efectiva do continente, como é que tentaram negociar primeiro, pois que a colonização efectiva ocorre no século XX. Mas iniciou-se por um processo de negociação.

Júlia Ramos: Mas porque é que os portugueses se interessam por Cabo Verde? Não sei se conhece o livro do Dr. Osvaldo Lopes da Silva, *Nos tempos da minha infância* onde o autor diz que Cabo Verde nos princípios do século XX era um aglomerado de Ilhas sem perspectivas, sem recursos, e questiona qual a razão da vinda dos portugueses para Cabo Verde.

Maritza Rosabal: A população da África Ocidental é essencialmente muçulmana. O processo de Cuba está muito ligado à produção agrícola, cana-de-açúcar, com uma separação total entre a casa dos donos e a casa dos escravos. Havia uma intermediação feita pelos capatazes, não havia famílias, não havia nada, eram todos escravos que eram vendidos, que transitavam de um lugar para outro. Eram peças e para o tabaco era muito menos porque era mais uma cultura branca. Os Espanhóis pobres de Havana, em termos de população, são maioritariamente brancos. No oriente, que é a região do açúcar, há muitos mestiços por ter havido o processo de miscigenação. Mais tarde. Existe depois uma região mais branca que se ocupava da produção de gado, que exige menos mão-de-obra. Os negros ficaram confinados às regiões de produção do açúcar, por exemplo Santa Clara, uma região intermédia, onde se produzia o tabaco. São brancos, nas Matanças, onde há uma cultura agrícola, há muitos negros. Em Havana havia uma

mistura de brancos e negros. Não são processos iguais. Há regiões de grande produção do açúcar e há outras regiões.

Júlia Ramos: E ao nível cultural?

Maritza Rosabal: Ao nível cultural Cuba é muito interessante porque Santiago, zona do oriente, é uma zona que está muito ligada à religião afro-cubana, onde há uma predominância das figuras, há um sincretismo entre as figuras do santoral europeu e as figuras africanas, era como se os negros os adoptassem, mas com toda a carga africana, os milagres, os feitiços, tudo isso é transposto para Cuba, para essas zonas do Oriente. A *Santeria*, igual ao que aconteceu no Brasil. Em Santiago por exemplo, há uma grande *Santeria* por excelência. Temos uma virgem mestiça que é comemorada a 8 de Setembro. É a *Santeria* (*Santeiros*) que é a chamada religião afro-cubana. Há diferentes tipos de *Santeiros* para o bem, protecção das pessoas e *Santeiros* para o mal, para prejudicar as pessoas. Há também os pais de santo. Há muitos em Havana porque há uma ligação interna. Os *Santeiros* eram da região do Oriente. Toda essa magia negra está muito presente nessa zona com influência do Haiti. Emigraram na altura da revolução, quando se dirigem para Havana. A língua predominante é o espanhol, mas ainda com muitas falhas, uma forma de falar muito particular, muito interessante, mas era o espanhol. Viviam em comunidades separadas. Enquanto os brancos frequentavam a Igreja católica, os negros frequentavam os centros espíritas, à semelhança do Brasil. Praticavam o *candomblé*. Este sincretismo está presente em São Lázaro, onde cantam o *Xangô*, o *Oxum*, há muitas coisas interessantes, e é muito interessante ver como essa religião tem um carácter autoritário, como essa população acredita, tem medo, são supersticiosos. Essas práticas eram interessantes. A língua de comunicação é a espanhola e a forma de vestir, as pessoas absorvem a cultura espanhola, mesmo a gastronomia espanhola. Este processo é posterior ao processo de Cabo Verde. Na África Ocidental, este multilinguismo é em termos diferentes. Sem dúvida que os europeus queriam impor a sua cultura, a cultura dominante. Será que esse tráfico de pessoas, bens e cultura, será que houve realmente influência de uma cultura sobre a outra? Houve influência linguística?

Júlia Ramos: É evidente que tratando-se de países que têm línguas e culturas diferentes, tanto a língua quanto a cultura tenha tido um papel preponderante na negociação desse processo de integração. Língua e cultura como facilitadores da

comunicação mas não com o peso que seria desejável terem, segundo a minha percepção. Terminamos aqui a nossa conversa e agradeço à Dr.^a Maritza Rosabal por esse momento que me proporcionou e que vai contribuir para o desenvolvimento do meu tema.

ANEXO V

Entrevista à Dra. Obdúlia Figueiredo, Tradutora e Intérprete de Conferência, realizada no dia 06 de Setembro de 2016.

Júlia Ramos: Sabemos que no processo de integração da CEDEAO os aspectos económicos e políticos foram os principais objectivos. É do nosso conhecimento que foram estabelecidas três línguas de contacto para se estabelecer a comunicação entre os quinze países que fazem parte da CEDEAO. Gostaria de saber a sua opinião sobre o papel que o Intérprete desempenha nesse ambiente Multilingual e multicultural?

Obdúlia Figueiredo: Eu acho que o Intérprete tem um papel fundamental e é graças ao Intérprete que a mensagem passa. Não havendo Intérprete a mensagem não passa. É só o que posso dizer acerca disso.

Júlia Ramos: A língua e a cultura estão sempre presentes nesse ambiente de conferências. Na sua opinião, as várias línguas e culturas em presença numa conferência da CEDEAO constituem um elemento facilitador ou perturbador da comunicação?

Obdúlia Figueiredo: Realmente a língua é um elemento facilitador da comunicação. Já a cultura é um bocadinho mais complexo porque nos 15 países da CEDEAO existem muitas culturas. Não podemos dizer que são só anglófonos, francófonos e lusófonos porque há várias etnias. Cada etnia com a sua própria cultura, com as suas próprias tradições. Claro está que nós como Intérpretes, às vezes, enfrentamos situações um pouco complicadas porque de vez em quando recorrem a provérbios cujo significado para nós não é evidente porque não estamos por dentro dessa cultura. A cultura pode ser um facilitador, mas também às vezes pode complicar-nos a vida.

Júlia Ramos: Sabemos que existem várias línguas nativas e várias culturas que podem ter interferência nesse processo de comunicação, que valor atribui ao estabelecimento das 3 línguas oficiais, o francês, o inglês e o português? Acha que as três línguas identificadas são as que de facto correspondem às necessidades para o estabelecimento da comunicação na CEDEAO?

Obdúlia Figueiredo: A escolha das três línguas não foi feita por acaso. A CEDEAO é constituída por quinze países, sendo a grande maioria francófonos, alguns anglófonos e dois lusófonos. É por esta razão que foram escolhidas estas três línguas oficiais. É um

facto que nestas três línguas oficiais o português é o parente pobre, nós temos a consciência disso, porquê? Porque quando participamos nas reuniões constatamos que em mais de 50% das vezes não existem documentos em português e os participantes não têm documentos em português. Às vezes os documentos em português estão extremamente mal traduzidos porque a organização não os dá aos lusófonos para traduzir. Às vezes são documentos traduzidos por francófonos, às vezes até por nigerianos e, sem dúvida, que a língua portuguesa é uma das línguas oficiais da CEDEAO, tinha que ser, mas não está em pé de igualdade com as outras línguas e eu diria até que existe uma preponderância do francês, porque os países francófonos impõem-se, apesar de a CEDEAO ter a sua Sede na Nigéria, que é um país anglófono. Eu já estive em reuniões que foram interrompidas porque não havia documentos em francês. Mas voltando à sua pergunta, a CEDEAO não tinha outra alternativa. São quinze países francófonos, anglófonos e lusófonos e tinham de escolher estas línguas como línguas oficiais, por um lado e, por outro lado, também porque nos próprios países anglófonos e nos próprios países francófonos as respectivas línguas é que são um elemento unificador, ou seja a Nigéria que é um grande país com vários estados, o que faz com que as etnias se entendam é a língua inglesa, é a língua que os une porque muitas vezes não compreendem os dialectos uns dos outros. Eu fiz essa afirmação sobre a Nigéria, mas podia fazer a mesma afirmação sobre o Burquina Faso. Acho que a escolha das três línguas oficiais tem uma certa lógica.

Júlia Ramos: Na sua opinião, a escolha (pela CEDEAO) de uma língua nativa mais falada em cada Estado-Membro contribuiria para facilitar a comunicação nas Conferências?

Obdúlia Figueiredo: Vantajoso? Não sei dizer se seria vantajoso. O que eu acho é que seria pouco viável. Porque, primeiro, será que para essas línguas existem dicionários, será que existe uma gramática, será que existe uma grafia para essas línguas? Não sei se existem e não existindo dicionários, não existindo gramáticas, não existindo uma forma apropriada de escrever, às vezes há línguas que só existem na expressão oral. Então é complicado, não me parece que seja viável escolher uma língua nativa como língua oficial.

Júlia Ramos: As línguas oficiais tiveram um papel fundamental no Processo de Integração da CEDEAO? Baseie a sua opinião partindo do princípio de que esse

processo de integração teve como objectivos principais os aspectos económicos e políticos.

Obdúlia Figueiredo: Eu não sei se as línguas tiveram um papel importante porque a CEDEAO foi criada inicialmente com objectivos económicos, sinceramente não sei se as línguas contribuem para a integração porque eu acho que não há integração. Ao fim de tantos anos, há quanto tempo é que a CEDEAO foi criada? A CEDEAO foi criada em 1965, mas a integração ainda não existe, porque se não há livre circulação de pessoas e bens, não há integração, quer dizer, pode-se argumentar que há livre circulação porque não precisamos de visto, mas isso é quando entramos num país da CEDEAO através de um aeroporto, porque as pessoas que entram através de fronteiras terrestres, eu já ouvi isso em imensas reuniões, têm muita dificuldade quando chegam à fronteira porque os guardas que se encontram nas fronteiras, apesar da tal livre circulação, as pessoas querem passar com mercadorias e isso tudo, mas depois têm dificuldades porque têm de pagar subornos para poderem entrar no país. Então a integração não existe. A integração ainda é um objectivo a atingir e parece-me que nesse processo de integração não é, não será a língua que terá mais peso. Não me parece que sejam as línguas a facilitar a integração. Acho que serão outros processos.

Júlia Ramos: Esta pergunta está relacionada com o ponto principal do meu tema que é entender se a língua e a cultura desempenharam um papel fundamental nesse processo de integração. Sabemos que esse processo de integração teve de início objectivos económicos e depois políticos, é um processo contínuo, que não está terminado, como já vimos através da sua resposta à pergunta anterior. Mas a principal preocupação é saber se durante esse processo negocial os negociadores tiveram a percepção de que sem o recurso à língua esse processo sequer teria tido início.

Obdúlia Figueiredo: Eu não acho, não sei como é que decorreram as negociações, mas parto do princípio que os Intérpretes estiveram presentes. Porque sem a presença dos Intérpretes eles não se teriam entendido uns aos outros.

Júlia Ramos: Mas pelo facto de dizer que participaram Intérpretes nesse processo inicial de negociação significa que os negociadores identificaram que a língua era importante para esse processo? Porque sem o recurso aos Intérpretes, sem os facilitadores da comunicação, eles não teriam conseguido o objectivo que era, pelo menos, o de estabelecer contactos.

Obdúlia Figueiredo: Claro, sem os Intérpretes eles não poderiam ter negociado nada. Se eles perceberam o papel importante da língua, isso eu já não tenho tanta certeza, porque como diz uma colega minha, quando se organizam reuniões, fica-se com a impressão muitas vezes que é dada mais importância à pausa café e à organização da pausa café do que aos Intérpretes propriamente. Porque a pausa café é organizada com antecedência, as coisas são encomendadas com antecedência e nós Intérpretes muitas vezes vamos para as reuniões completamente em branco, sem termos conhecimento da agenda da reunião. Isso para não falar de documentos. Quantas vezes nós vamos para as reuniões sem termos recebido documentos. Eu sinceramente não sei até que ponto é que eles entendem como a língua é importante.

Júlia Ramos: Em que medida se sente realizada como profissional antes, durante e no fim de uma Conferência, tendo em conta o conhecimento prévio de: a) Local onde se realiza a Conferência, b) Início e fim da conferência, c) Tema, d) Documentos, e) Coordenador, f) Colegas que participam, g) Orientações específicas.

Obdúlia Figueiredo: Não sei se muitos colegas concordarão comigo. Eu pessoalmente considero que é um privilégio ser Intérprete porque estamos a ser pagos para aprender. Como disse um colega mais velho e é verdade, estamos a ser pagos para aprender porque temos de nos preparar para a reunião, para os vários temas. E ao prepararmo-nos para as reuniões aprendemos sobre as mais diversas matérias. Eu gosto de aprender e por isso acho que é uma profissão muito gratificante por este aspecto que é o aspecto de nós conseguirmos saber um pouco de várias coisas. Abrem-se os horizontes. Ficamos com uma nova perspectiva do mundo, ficamos com uma ideia do que se passa nos bastidores e depois também ficamos a conhecer as outras pessoas. Por exemplo, ao fim de algum tempo, quando um participante intervém, sabemos logo à partida se esse participante vai fazer uma intervenção válida ou não. Acabamos por conseguir ter essa percepção rapidamente. E então este é o aspecto relativo ao trabalho, daquilo em que considero que o trabalho é gratificante. Por outro lado, também gosto de ir às reuniões porque cada reunião é como se fosse uma aventura. Estou a falar nas reuniões fora de Cabo Verde, porque viajar em África é uma aventura. Os voos raramente saem a horas, a refeição a bordo nunca se sabe se é algo comestível ou não. Enfim, tudo o que rodeia a reunião é uma incógnita e é uma aventura ao mesmo tempo. Nós nunca sabemos como é que vamos lá chegar, se vamos chegar a horas, se vamos ter um percalço pelo caminho, como daquela vez em que fomos a uma reunião no Mali e que chegámos de madrugada

e fomos parados a meio do caminho por soldados armados, essas coisas. Pode ser que outra pessoa tivesse uma sensação diferente da minha. Eu acho que isso faz parte e acaba por ser uma experiência também enriquecedora. Não só pela reunião em si, o que se aprende na reunião mas a viagem, os colegas que nós conhecemos de vários *background*, há de tudo um pouco, cada colega com a sua “pancadinha”, não sei se a tal “pancadinha” não será algo da profissão, não sei se para ser Intérprete não se precisa ter uma “pancadinha”. Mas isso é enriquecedor, conhecer outros colegas, com outras origens, outras religiões, com outras experiências de vida. Estou a lembrar-me, por exemplo, de uma colega que é da Índia, que conheceu um senegalês e veio lá da Índia de um sítio onde pescam pérolas e veio viver no Senegal, porque se casou com um senegalês, quer dizer, é um encontro de culturas, é algo diferente, ou estou a lembrar-me de outra colega que não é intérprete, é tradutora, costumamos encontrarmo-nos nas reuniões da Gâmbia, que já se casou três vezes e era casada com um Marabú⁴. Então quer dizer, são situações, são experiências de vida interessantes, há sempre alguma coisa positiva. Resumindo, para além daquilo que se passa dentro da sala de Conferências ser enriquecedor, os colegas são enriquecedores, a viagem é enriquecedora, a cultura é enriquecedora. Na verdade, para mim, é muito gratificante e devia ter-me tornado Intérprete há mais tempo. Quanto aos documentos, como não são disponibilizados em tempo útil, costumo fazer o seguinte, conhecendo o tema da conferência eu vou pesquisar na Internet e preparar-me. Mas para isso preciso conhecer o tema.

Júlia Ramos: Segundo a sua opinião, qual tem sido a contribuição dos Departamentos de Línguas das estruturas da CEDEAO no processo de facilitação da comunicação?

Obdúlia Figueiredo: Eu acho que esse Departamento funciona de forma muito deficiente porque nunca percebi quais são os critérios que seguem para escolher os Intérpretes e os locais das reuniões. Às vezes organizam reuniões em locais que não têm condições mínimas. Penso que o Departamento que está demasiado centralizado e que quem decide tem demasiados poderes e nem sempre age da forma mais correcta. Lembro-me por exemplo, chamaram-me para uma reunião em Abidjan e quando eu já estava em Dakar fui informada por uma colega de que a reunião já não seria realizada em Abidjan, mas sim em Yamoussoukro, a 300 km de Abidjan, num país a seguir a uma

⁴ Marabú é um homem simples e modesto que se torna uma figura importante e respeitada numa aldeia da savana africana. Fonte: www.luacheia.pt. Consultado em Outubro de 2016.

guerra civil em que ninguém viaja de Abidjan para Yamoussoukro à noite nessa estrada por causa dos salteadores. Entretanto não foi fornecida qualquer comunicação oficial. Considero que isso é uma má organização. Para além deste facto, eu não estou a falar de mim, mas estou a falar dos participantes. Como é que de um momento para outro é mudado o local da reunião para uma outra cidade, situada a 300 km, a percorrer por via terrestre, para no dia seguinte se comparecer no local da reunião às 9 horas de manhã? Depois há a questão de alojamento. A cidade de Yamoussoukro tem apenas dois hotéis. Este é um exemplo de como as coisas não funcionam, não são bem organizadas.

Júlia Ramos: Acha que a CEDEAO tem uma atitude meramente funcional no processo de comunicação entre os pares ou existe uma preocupação com o conteúdo dessa comunicação?

Obdúlia Figueiredo: Eu acho que sim, acho que há uma preocupação, acho que o Departamento responsável pela reunião preocupa-se com o conteúdo da comunicação. Como sabemos, a CEDEAO tem vários departamentos e penso que as reuniões são organizadas porque há necessidade de as organizar para discutir assuntos importantes que englobam conteúdos a analisar.

ANEXO VI

Entrevista realizada no dia 15 de Julho de 2016 ao Dr. João Gomes Mendonça, Linguista, Economista Social e Tradutor

Júlia Ramos: Qual a sua opinião sobre o papel do Tradutor na facilitação da comunicação num ambiente Multilingual e Multicultural da CEDEAO?

João Gomes Mendonça: A comunicação é sempre necessária numa comunidade com multiplicidades linguísticas e culturais. A barreira comunicativa é fonte de incompreensão, mal-entendidos, portanto de confusões. O tradutor, ao travar esse handicap, desempenha assim um papel relevante na medida em que serve de ponte de ligação entre as pessoas que não lêem, não falam ou não entendem a língua utilizada num determinado momento. O caso da CEDEAO ultrapassa qualquer evidência, visto que trabalha com três comunidades linguísticas diferentes e exigentes.

Júlia Ramos: Em sua opinião, as várias línguas e culturas em presença numa conferência da CEDEAO constituem um elemento facilitador ou perturbador da comunicação?

João Gomes Mendonça: As várias línguas utilizadas durante uma conferência ou reunião devem ser um elemento facilitador desde que haja profissionais competentes, isto é Tradutores ou Intérpretes para transmitirem aos participantes informações correctas decorrente das actividades que estão a decorrer.

Júlia Ramos: Que papéis desempenharam ou desempenham as línguas oficiais e as culturas subjacentes no Processo de Integração da CEDEAO? Baseie a sua opinião partindo do princípio de que esse processo de integração teve como objectivos principais os aspectos económicos e políticos.

João Gomes Mendonça: Os Departamentos de Línguas da CEDEAO têm tido um papel muito importante no processo da comunicação visto que trabalham na organização e gestão dos recursos humanos, materiais e financeiros para levarem aos participantes informações nas diferentes línguas utilizadas nesses eventos.

Júlia Ramos: Na sua opinião a escolha (pela CEDEAO) de uma língua nativa mais falada em cada Estado-Membro contribuiria para facilitar a comunicação nas Conferências?

João Gomes Mendonça: adoptar outras línguas nativas nos trabalhos da CEDEAO seria um problema cuja solução não existiria. Senão vejamos, que língua adoptar entre milhares de línguas nativas que existem em cada país membro da CEDEAO? As três línguas oficiais retidas naturalmente facilitam o processo de compreensão dos conteúdos das actividades. São línguas da época colonial, mas fica um mal necessário, direi mesmo um corta-mato.

Júlia Ramos: Tendo em conta as várias línguas nativas dos países que constituem a CEDEAO, que importância atribui ao estabelecimento das línguas oficiais para a comunicação entre esses países?

João Gomes Mendonça: Falar, escrever, compreender ou assimilar e dominar a língua de um país constituem elementos fundamentais para a integração de qualquer indivíduo naquele país. Aliás, muitos países europeus exigem agora o conhecimento da sua língua oficial aos potenciais migrantes, o que faz também parte da imigração inteligente. No contexto da CEDEAO, este exercício faz muito sentido na medida em que as três comunidades falando, escrevendo e compreendendo as diferentes línguas seria mais de que uma valia para uma integração nos aspectos económicos e políticos e porque não sociais e culturais?

Júlia Ramos: Em que medida se sente realizado como profissional antes, durante e no fim de uma Conferência, tendo em conta o conhecimento prévio de: a) Local onde se realiza a Conferência, b) Início e fim da Conferência, c) Tema da Conferência, d) Documentos, e) Coordenador, f) Colegas que participam, g) Orientações especiais

João Gomes Mendonça: Sentir-se realizado como profissional numa conferência depende antes de tudo da competência tida na matéria como factor interno. Quanto aos factores externos, tudo depende da inteligência e da capacidade de adaptação do profissional no seu local de trabalho. A coisa mais certa é que o profissionalismo (virtude) deve prevalecer em todas as circunstâncias das tarefas incumbidas.

Júlia Ramos: Pensa que a CEDEAO tem uma atitude meramente funcional no processo de comunicação entre os pares ou existe uma preocupação com o conteúdo dessa comunicação?

João Gomes Mendonça: O processo de comunicação dentro da CEDEAO deve ter uma outra dinâmica e organizar acções de formação de curta duração sobre lacunas constatadas nos Tradutores e Intérpretes ou também sobre novas tecnologias aplicadas ao serviço de comunicação (tradução e interpretação), além de outras actividades, assim deixará de ter uma simples atitude funcional, explorando igualmente o campo da investigação ou outros meios para modernizar o citado processo.

ANEXO VII

Entrevista realizada no dia 06 Outubro de 2016 ao Dr. Mahama Mumuni Kappiah, Director Executivo do ECCREE

Julia Ramos: The name of my Thesis is Multilingualism and Multiculturalism in West Africa Integration Process and my subtheme is the role of the translator and interpreter in facilitating the communication in a Multilingual and Multicultural environment in ECOWAS. The main aspects of my thesis are the importance of language and culture in this integration process.

Julia Ramos: What can you tell me about the West Africa integration process and in which extent the negotiators thought that language and culture were very important to facilitate the communication, when they started these economic and political aspects. As a member of ECOWAS who is from one of those countries I thought that you could give me some important aspects about this integration.

Mahama Mumuni Kappiah: Language and culture in the integration process, yes to be sure the integration process could happen a lot easier and a lot faster if we had a common language and the same culture. But I can see that the different languages and different cultures really put some challenges. We all are Africans or West Africans but we experienced cultural differences and these differences in the way we do things, the way we approach things and how we do about doing things. We see them and particularly you came to the Commission in Abuja, where you see these differences in cultures and languages come into play and somebody and some cultures have a lot more opinions, some cultures have a lot more bureaucracies, some cultures have a lot more of different attitudes towards different things. This is my opinion but you may see that the English speaking people have a culture that for me is less bureaucratic and more relaxed and I always believe that things are moving and moving faster. It looks like in the French countries the processes are a lot more bureaucratic, that you have to refer to more hierarchy and this cannot be taken at the lower level, that is, without reference to the hierarchy and the difference when one person from an English speaking background and another from a French speaking background have to carry on the same tasks, their approaches to these tasks are completely different. So, there are some differences to come and there may probably be some influence of the quota, on an influence of the systems, but they are completely different, different systems and that really slows down

the integration process to some extent, and some cultures have a stronger influence. In the decision making process and sometimes, in some, you have the public sector that can have a strong influence. Most countries, for instance, take decisions in the public sector. In Nigeria, the private sector seems to be the one driven meet and they only see themselves at a disadvantage in a way and they are holding the public sector, the authorities, from signing the documents to allow them to move faster. So as you can see, it is not only cultural in the systems, there are also differences where the public sector has a lot of influence than in some, where the public sector practically does not have as much, and they move along with the public sector. The language is also quite a challenge, if you take a simple language. In my opinion the English and Portuguese languages seem to be more accommodating and the people praise themselves and those languages, even if they are not perfect. The French language seems to require more perfection, and unless you read with perfection, you cannot express yourself in the language. So then you see people turning more and more towards English, because there you can accommodate when you commit mistakes. In French they will not accommodate you. The other thing is that in the English you can address to anybody by you but in French you have the vous and the tu and sometimes you don't know which one you are using. And people may get offended that you are using one instead of the other and that is difficult. By that reason, although I do speak some French but if I am addressing people I prefer to use English, why? Because I don't want to use "tu" somewhere or to somebody when I should use "vous". But for people in a casual environment I don't mind because if I use the "tu" nobody will get offended because is disrespectful or things like that. So the language puts those challenges and they really are constrainable, but when you are supposed to address somebody who doesn't speak English you should speak in French and then, because is very challenging, you have to slow down and think twice between every sentence before you can say it and things like that, quite complex. As a matter of fact, the language actually poses some challenges, it happens very often that if for an activity or a meeting if you do it in English or you translate the English into French you see that French people have a lot of arguments saying that this is not right, that is not that, but when you translate the French into English the arguments are less. But we cannot all work in French. So the language also has its own limitations and barriers that constrain integration to some extent. This is what I have to say about language and culture.

Julia Ramos: ECOWAS chose three languages, three official languages because of the fifteen countries which are Anglophone, Francophone and Lusophone, although the French countries are in a majority number. What do you think about the imposition of French language in the conferences?

Mahama Mumuni Kappiah: This issue is part of the culture or the language. It looks like the way people express themselves or are taught to express themselves. In the English culture, is a bit different from how it is in the French culture. In the English culture, people are encouraged to be more precise and concise and go direct to the point and make their intervention as short as possible so that people can recall and understand and digest them. And, in the French culture, it looks like it is necessary to express and give a lot of background to so many things, before getting to the point. The French person, when he takes the floor, he takes so much time and if they are eight of them and they have to take the floor, then they take a lot of time. Another aspect is that in English culture we are encouraged that, if you don't have anything to add, apart from what was said, you don't need to take the floor. In French, they don't see anything wrong with repetitions, even if it's about what was said, they say it again. So you may have seen that in the meetings the English persons may not even talk because they believe what they would say was already said, but the French persons would continue talking although it has been said. Then it looks as if the meetings are all French dominated and actually the English find it very irritating but you cannot say people that they are talking just for talking.

Julia Ramos: Taking into account the large number of native languages that exist in West Africa, which is your opinion if ECOWAS decides to establish one of the most spoken native languages among the population as an official language? Would it facilitate communication or it would be a constraint?

Mahama Mumuni Kappiah: Have one native language? But if Nigeria adopts one native language it would be a problem. The people would never agree. It would be very difficult to decide which language to use. Come to Ghana, which is even smaller, if they wish to adopt one language it's going to be Hel. They would never agree and these are issues that have been discussed in Ghana about having a national language. Or do we have one language that dominates and the other population that could constitute at least 50% of the population, still would not agree. Coming to ECOWAS level, it is going to

be a big challenge and which language would we use? And now the language that is spoken in Nigeria is not spoken in the other countries. If you take Hausa, why do I take Hausa? Hausa is a language that is spoken inside Nigeria and outside Nigeria. In Niger almost half of the population also speaks Hausa. In Nigeria about a third of the population speaks Hausa. In Togo, Benin and Ghana there are lots of people for whom Hausa is a minority language. People speak it as a language. But if you tell Ghanaians to adopt the Hausa language, which is a foreign language that is spoken by some Ghanaians, then you will have a problem, because in Ghana anyone who speaks Hausa also speaks his native language. Hausa is not a native language of anybody and also it is not for Ghana; it is just a language that some people speak. In Nigeria, the Hausa people who speak Hausa, they speak only Hausa but we have some other portion very close to the Hausa people who speak Hausa, but they also have their own language. So it is very difficult, even in their countries, to have one language, not to talk of other regions. If you go further beyond Nigeria you don't find people who speak Hausa. The other language that is spoken in Nigeria is Yoruba that doesn't go that far. It is only spoken in Nigeria and Benin. Ybu for example is only spoken in Nigeria. If someone tells us to choose Yoruba and Ybu, for example, it will be very difficult to choose a language, which language? At least these languages, unfortunately they are all foreign. If not, we could adopt one, but as they are all foreign which one should we adopt over the other? So it is very difficult.

ANEXO VIII

Entrevista realizada no dia 14 Outubro de 2016 ao Professor Doutor Amet Kébé, senegalês, Professor de Português no Departamento de Românicas, Universidade Cheik Anta Diop, de Dacar, Senegal

Júlia Ramos: Tendo em conta que é Professor de língua Portuguesa na Universidade Cheik Anta Diop, de Dacar, Senegal, e dado que tem cooperado com o Departamento de Línguas da CEDEAO, qual é a sua opinião sobre o papel que o Tradutor e o Intérprete têm desempenhado nessa organização?

Amet Kébé: Acho que o Intérprete tem um papel fundamental a desempenhar no ambiente de comunicação multilíngue e multicultural da CEDEAO, porque vem facilitar a comunicação durante as reuniões estatutárias desta Comunidade Económica Oeste Africana, criada em 1975 e composta por 15 países: 8 francófonos, 5 anglófonos e 2 lusófonos. Durante muito tempo o português não era considerado como língua de trabalho; só muito recentemente, a partir de 2002, 2003 é que esta língua vem assumindo o seu verdadeiro papel de comunicação no seio desta organização sub-regional, com a plena participação dos delegados da Guiné-Bissau e de Cabo Verde. Devido ao não uso do português, antes, como língua de trabalho, os delegados lusófonos eram obrigados a acompanhar as discussões e intervir nas reuniões ou em francês ou em inglês, o que não facilitava a comunicação, pois nem todos os participantes podem exprimir-se nestes dois idiomas.

Júlia Ramos: Acha que as várias línguas e culturas utilizadas na CEDEAO podem criar constrangimentos ao processo de integração pretendido?

Amet Kébé: Penso que as várias línguas e culturas numa conferência da CEDEAO constituem um elemento facilitador da comunicação. Representam um elemento enriquecedor e de integração cultural e linguística desta comunidade, na qual cada zona linguística, seja ela francófona, anglófona ou lusófona, toma consciência da importância da língua oficial que pratica e usa no dia-a-dia e que tem igual dignidade com as outras com as quais coabitam no mesmo espaço económico e linguístico, sobretudo para o português, que durante muito tempo não assumiu este papel. Acho também que as novas tecnologias da informação e comunicação, aliadas às novas

tecnologias da interpretação, em termos de equipamentos e sistema de relays duma língua para outra, vêm facilitar a comunicação entre todos os participantes.

Júlia Ramos: O que pensa da introdução de uma língua nativa dos países da CEDAO, como língua de trabalho?

Amet Kébé: A minha opinião é que nenhuma língua nativa faz a unanimidade ao ponto de se impor a nível nacional como língua oficial. Assim, ser-lhe-á difícil impor-se a nível desta comunidade como única língua oficial e de trabalho, então penso ser melhor manter as línguas oficiais herdadas do colonialismo como línguas de trabalho, o que, ao nosso ver, vai manter uma certa estabilidade e equilíbrio ou equidistância entre as três línguas de trabalho. Querer introduzir uma língua nativa mais falada em cada Estado-Membro deste espaço económico e linguístico, iria, do nosso ponto de vista, complicar a comunicação, com tudo o que representaria em termos de investimentos em metodologias de aprendizagem desta nova língua de trabalho, que viria substituir-se às três línguas oficiais em presença.

Júlia Ramos: Que contribuição têm dados as três línguas oficiais estabelecidas para o processo de Integração da CEDEAO e qual tem sido a preocupação do departamento de Línguas com o conteúdo da comunicação?

Amet Kébé: As línguas oficiais desempenharam e continuam a desempenhar um papel muito importante no processo de integração da CEDEAO, na medida em que o seu uso nas conferências e reuniões estatutárias deste espaço facilita a comunicação entre os delegados e permite abordar, com facilidade, as questões económicas e políticas em análise. Existe uma preocupação do Departamento de Línguas/CEDEAO em facilitar e melhorar a comunicação, para que todos os cidadãos desta comunidade económica, que participam nas reuniões desta instituição, estejam a par do que se diz e tirem plenamente proveito da sua participação. Portanto, há uma preocupação com o conteúdo desta comunicação.

Anexo IX – Inquéritos a Tradutores e Intérpretes

Inquérito anónimo de apoio à Tese do Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas no ISCAP feito a Intérpretes

Inquiridos	1	2	3	4	5	6	7	8
	Qual a sua opinião sobre o papel do Intérprete na facilitação da comunicação num ambiente Multilingual e Multicultural da CEDEAO?	Em sua opinião, as várias línguas e culturas em presença numa conferência da CEDEAO constituem um elemento facilitador ou perturbador da comunicação?	Tendo em conta as várias línguas nativas dos países que constituem a CEDEAO, que importância atribui ao estabelecimento das línguas oficiais para a comunicação entre esses países?	Na sua opinião a escolha (pela CEDEAO) de uma língua nativa mais falada em cada Estado-Membro contribuiria para facilitar a comunicação nas Conferências?	Que papéis desempenharam ou desempenham as línguas oficiais e as culturas subjacentes no Processo de Integração da CEDEAO? Baseie a sua opinião partindo do princípio de que esse processo de integração teve como objectivos principais os aspectos económicos e políticos.	Em que medida se sente realizado como profissional antes, durante e no fim de uma Conferência, tendo em conta o conhecimento prévio de: a) Local onde se realiza a Conferência; b) Início e fim; c) Tema; d) Documentos; e) Coordenador; f) Colegas que participam; g) Orientações especiais.	Qual tem sido a contribuição dos Departamentos de Línguas das estruturas da CEDEAO no processo dessa comunicação, segundo a sua opinião?	8. Pensa que a CEDEAO tem uma atitude meramente funcional no processo de comunicação entre os pares ou existe uma preocupação com o conteúdo dessa comunicação?
	1	2	3	4	5	6	7	8
Intérprete 1	O papel do Intérprete é essencial. Poucas são as pessoas que falam ou entendem português na região além dos lusófonos.	São um entrave à comunicação porque não existe um verdadeiro compromisso global para o projeto de integração.	As línguas oficiais são essenciais. Ninguém se entenderia com as línguas nativas. A língua oficial agrega. Os anglófonos reconhecem-se e comunicam quer sejam da Libéria, do Ghana ou da Sierra Leone. No caso da Nigéria, onde há tantas línguas nativas, há tantos factores que os	De todo. É impensável.	Existe a primazia do inglês e do francês. A Nigéria é o país que mais contribui para taxa comunitária e que se impõe nas negociações, nomeadamente nas do TEC, com uma postura inflexível.	Raramente são fornecidas informações claras sobre o local da Conferência, início e fim, e sobre o tema. Os documentos nem sempre são facultados com a devida antecedência. Não há uma comunicação transparente entre os diferentes departamentos e a divisão de línguas. Raras são as vezes	Até agora, o Departamento de línguas não conseguiu desempenhar claramente o seu papel. É prejudicado pela falta de organização a montante. A nova direcção está a implementar novas medidas para que cada departamento	Por enquanto, não creio que exista uma vontade explícita em comunicar. Os diferentes têm trabalhado de forma díspar e não em uníssono. Contudo, se as medidas implementadas pelo actual Presidente forem aplicadas, acredito que haja uma mudança de

			separam. O inglês é a língua comum que os aproxima.			em que a informação é clara, completa e recebida com a devida antecedência. O mais das vezes, é frustrante.	apresente a lista das reuniões previstas para cada semestre. Poderá facilitar todo o processo e tornar assim menos caótica a organização de reuniões.	atitude e a preocupação de todos trabalharem para um objectivo comum.
Intérprete 2	O Intérprete na minha opinião já é um facilitador por excelência, num ambiente como o da CEDEAO, onde há 3 línguas oficiais e 15 estados-membros, coloca o intérprete num papel central de todo o processo de comunicação. A questão não se centra apenas na diversidade linguística, mas também nas idiosincrasias culturais, aliada ao facto de na África Ocidental existirem um vasto leque de etnias, fazendo com que dentro de um mesmo país existir uma diversidade cultural enorme. E cabe ao Intérprete dominá-	A diversidade linguística é um elemento facilitador, pois a possibilidade de se expressar na sua língua materna é uma grande vantagem, pois por mais que dominemos uma língua estrangeira há sempre elementos que por vezes nos faz falta. Fazendo uma analogia na culinária, quando estamos a cozinhar em nossa casa, já sabemos onde estão todos os instrumentos, os ingredientes, logo todo o processo de confecção é	A língua é um factor de desenvolvimento. Vejamos o exemplo o caso dos países francófonos onde se organizaram em bloco e constituíram a UEMOA, que representa um mercado comum, onde partilha a mesma moeda, e critérios de convergência macroeconómica. Isto só foi possível graças à língua oficial que todos estes 8 países partilham entre si. Isto mostra como entre diferentes países a língua oficial é importante. Considerando então a mesma	Não facilitava, apenas pouparia em termos financeiros pois não seria necessária a contratação de Intérpretes, mas sairia mais caro pois a qualidade da participação reduziria bastante.	N/A	Tudo depende da combinação dos factores acima mencionados.	Podia ser melhor, é preciso aumentar os padrões de exigência não só em relação aos profissionais contratados, mas também em relação à melhoria das condições de trabalho, e a combinação destes dois factores seria uma grande melhoria no funcionamento do referido processo.	N/A

	<p>las de modo a garantir que o conteúdo cultural da mensagem passe para a língua de chegada. Pois o Intérprete interpreta muito mais de que palavras, estabelece-se como uma ponte de ligação de culturas e pensamentos. Por isso considero que no processo de comunicação a capacidade de domínio não só das línguas mas também da própria cultura, faz com que o papel do intérprete é central em todo o processo</p>	<p>facilitado, entretanto se estivermos numa cozinha que não é nossa onde podemos saber onde estão os instrumentos, mas não temos certeza quais os ingredientes disponíveis isto tem impactos no nosso desempenho. O mesmo se aplica quando se trata da questão da expressão numa língua que não é nossa.</p>	<p>importância é aplicável.</p>					
Intérprete 3	<p>1 What is your opinion on the role of Interpreter/Translator in facilitating communication in a Multilingual and Multicultural environment in ECOWAS?</p>	<p>2 Do you think that several languages and several cultures that are used in the Conferences held by ECOWAS facilitate or affect communication?</p>	<p>3 Taking into account the existence of several native languages in the ECOWAS countries, what do you think of the establishment of the three official languages by ECOWAS to facilitate communication among those countries?</p>	<p>4 In your opinion, would the establishment (by ECOWAS) of a native language that is the most spoken in each Member-State contribute to facilitate communication during Conferences?</p>	<p>5 Which roles did the official languages and their respective cultures play or are playing in the ECOWAS Integration Process? Base your opinion taking into account that this Integration Process has as main objectives the economic and political</p>	<p>6 In what extent do you feel fulfilled as professional before, during and at the end of a Conference if you were provided with previous knowledge of:- a) Venue of the Conference b) Commencement and ending of the Conference c) Theme of the Conference d) Supporting documents e) Coordinator of the Conference f) Colleagues with whom you will work with g) Specific guidelines</p>	<p>7 In your opinion, what has been the contribution of Language Departments of ECOWAS in the communication process?</p>	<p>8 Do you think that ECOWAS has a mere functional attitude in the communication process among its Members or is it concerned with the content of that communication?</p>

					aspects.			
3	I think translators and interpreters plays a very important role in an environment like ECOWAS	Of course using several languages from different cultures affect communication. The issue for me is rather the languages used that are not west African native languages but rather country's official languages coming originally from Europe.	If we are talking about French English and Portuguese I think it is the easier solution which works son far for all delegates to be able to follow the meetings.	In theory it would work and have any benefits beyond ECOWAS meetings but for that to be effective and to become a plausible reality we will need conference interpreters and translators well trained. But we already know that are not many interpreting schools let alone schools that teach the major African languages.	The official languages play an effective role since they are the languages spoken at meetings and languages of the documents and official conversations but in some instances, (at coffee breaks or off the records) delegates switch to the languages they have in common from both side of a border.	Having the information beforehand allows for better preparation more self-confidence and a more effective job. We feel better at ease when we know all of that.	Practically speaking it allows for discussions at meetings and may increase the desire to learn the language of other countries in the region and that kind of communication is necessary for integration.	I think depending on the issue at stake they may worry more or not so about the quality and content of the communication process. However, the fact that there is a language department within ECOWAS is a sign that there is some awareness about the importance of communication.

Inquérito anónimo de apoio à Tese do Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas no ISCAP feito a Tradutores

Inquiridos	1 Qual a sua opinião sobre o papel do Tradutor na facilitação da comunicação num ambiente Multilíngual e Multicultural da CEDEAO?	2 Em sua opinião, as várias línguas e culturas em presença durante o trabalho de uma conferência constituem um elemento facilitador ou perturbador da comunicação?	3 Qual tem sido a contribuição dos Departamentos de Línguas das estruturas da CEDEAO no processo dessa comunicação, segundo a sua opinião?	4 Tendo em conta as várias línguas nativas dos países que constituem a CEDEAO, que importância atribui ao estabelecimento das três línguas oficiais para a comunicação entre esses países?	5 Que papéis desempenharam ou desempenham as línguas oficiais e as culturas subjacentes no Processo de Integração da CEDEAO? Baseie a sua opinião partindo do princípio de que esse processo de integração teve como objectivos principais os aspectos económicos e políticos.	6 Em que medida se sente realizado como profissional antes, durante e no fim de uma Conferência, tendo em conta o conhecimento prévio de: a) Local onde se realiza a Conferência; b) Início e fim; c) Tema; d) Documentos; e) Coordenador; f) Colegas que participam; g) Orientações especiais.	7 Pensa que a CEDEAO tem uma atitude meramente funcional no processo de comunicação entre os pares ou existe uma preocupação com o conteúdo dessa comunicação?
			RES	POS	TAS		
Tradutor 1	Penso que o papel do tradutor é fundamental pois permite que a informação seja transmitida com rigor.	Inicialmente tinha uma certa dificuldade em me concentrar mas depois de algum tempo habituei-me e hoje sou de opinião que até facilita pois dá-nos a oportunidade de esclarecer com os colegas de outras línguas dúvidas que eventualmente nos surjam.	Tive uma certa dúvida com o termo contribuição se se refere ao papel dos Departamentos de Línguas diria que esse departamento em regra envia antecipadamente, sempre que possível, os documentos para serem traduzidos antes das reuniões.	Pela diversidade das línguas nativas é fundamental o estabelecimento das três línguas oficiais para evitar dificuldades na compreensão por parte da maioria.	Para a integração económica e política é fundamental que os países envolvidos se comuniquem nas línguas dominadas pela maioria. A prova disso é que a integração tem evoluído de uma forma muito positiva.	Em termos profissionais penso ser muito mais gratificante ter conhecimento antecipado de todos os pontos acima referidos com destaque, para o tema da reunião, os documentos que irão ser discutidos, alguma orientação especial, o local e as datas da reunião e eventualmente saber quem são os colegas e o coordenador.	Penso que é notória a preocupação que a CEDEAO tem com o conteúdo da comunicação
Tradutor 2	A comunicação é sempre necessária em uma comunidade com multiplicidades linguísticas e	As várias línguas utilizadas durante uma conferência ou reunião não devem ser um elemento	Os Departamentos de Línguas da CEDEAO têm tido papel muito importante no processo da comunicação visto	Adoptar outras línguas nativas nos trabalhos da CEDEAO seria um problema cuja	Falar, escrever, compreender ou assimilar e dominar a língua de uns pais constituem elementos	Se sentir realizado como profissional antes, durante e depois de uma conferência depende antes de tudo de sua	O processo de comunicação dentro da CEDEAO deve ter uma outra

	<p>culturais. A barreira comunicativa é fonte de incompreensão, mal-entendidos, portanto de confusões. O tradutor ao travar esse <i>handicap</i> desempenha assim nesse caso, um papel relevante na medida em que serve de ponte de ligação entre as pessoas que não leem, não falam ou não entendem a língua utilizada num determinado momento. O caso da CEDEAO não é mais que evidente visto que trabalha com três comunidades linguísticas diferentes e exigentes.</p>	<p>facilitador desde que haja pessoas competentes, isto é tradutores ou intérpretes para transmitirem aos participantes informações correctas decorrentes das actividades que estão a decorrer.</p>	<p>que trabalham na organização e gestão dos recursos humanos, materiais e financeiros para levarem aos participantes em diferentes línguas utilizadas nesses eventos.</p>	<p>solução não existiria. Senão vejamos que língua adoptar entre milhares de línguas nativas que existem em cada país membro da CEDEAO? As três línguas oficiais retidas naturalmente facilitam o processo de compreensão dos conteúdos das actividades. São línguas da época colonial mas fica um mal necessário, direi mesmo um cortamento</p>	<p>fundamentais para a integração de qualquer indivíduo naqueles países. Aliás muitos países europeus exigem agora o conhecimento da sua língua oficial aos potenciais migrantes, o que faz também parte da imigração inteligente. No contexto da CEDEAO, este exercício faz muito sentido na medida em que as três comunidades falando, escrevendo e compreendendo as diferentes línguas seria mais de que uma valia para uma integração nos aspectos económicos e políticos porque não sociais e culturais?</p>	<p>competência na matéria como factor interno. Quanto aos factores externos tudo depende de sua inteligência e de sua capacidade de adaptação ao meio em que se encontra trabalhando. A coisa mais certa é que o profissionalismo (virtude) deve prevalecer em todas as circunstâncias das tarefas incumbidas.</p>	<p>dinâmica organizando acções de formação de curta duração sobre lacunas constatadas nos tradutores e intérpretes ou também sobre novas tecnologias aplicadas ao serviço de comunicação (tradução e interpretação) além de outras actividades e assim deixará de ter a simples atitude funcional explorando igualmente o campo da investigação ou outros meios para modernizar o citado processo.</p>
--	--	---	--	---	---	--	--

Anexo X - Tratamento dos Inquiridos

Inquérito anónimo de apoio à Tese do Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas no ISCAP feito a Intérpretes e Tradutores

1	2	3	4	5	6	7	8
Qual a sua opinião sobre o papel do Intérprete na facilitação da comunicação num ambiente Multilingual e Multicultural da CEDEAO?	Em sua opinião, as várias línguas e culturas em presença numa conferência da CEDEAO constituem um elemento facilitador ou perturbador da comunicação?	Tendo em conta as várias línguas nativas dos países que constituem a CEDEAO, que importância atribui ao estabelecimento das línguas oficiais para a comunicação entre esses países?	Na sua opinião a escolha (pela CEDEAO) de uma língua nativa mais falada em cada Estado-Membro contribuiria para facilitar a comunicação nas Conferências?	Que papéis desempenharam ou desempenham as línguas oficiais e as culturas subjacentes no Processo de Integração da CEDEAO? Baseie a sua opinião partindo do princípio de que esse processo de integração teve como objectivos principais os aspectos económicos e políticos.	Em que medida se sente realizado como profissional antes, durante e no fim de uma Conferência, tendo em conta o conhecimento prévio de: a) Local onde se realiza a Conferência; b) Início e fim; c) Tema; d) Documentos; e) Coordenador; f) Colegas que participam; g) Orientações especiais.	Qual tem sido a contribuição dos Departamentos de Línguas das estruturas da CEDEAO no processo dessa comunicação, segundo a sua opinião?	Pensa que a CEDEAO tem uma atitude meramente funcional no processo de comunicação entre os pares ou existe uma preocupação com o conteúdo dessa comunicação?
Tanto os Tradutores como os Intérpretes foram de opinião de que o papel que desempenha como facilitadores da comunicação é extremamente importante.	Os inquiridos acharam que são um elemento facilitador.	É opinião dos inquiridos que as línguas oficiais são essenciais para a comunicação.	De uma maneira geral, todos os inquiridos consideraram que a adopção de uma língua nativa seria um elemento perturbador	Alguns foram de opinião que existe primazia do inglês e do francês e que a Nigéria, por contribuir mais para a taxa comunitária, impõe-se nas negociações com uma postura inflexível.	Todos os inquiridos acharam que raramente são fornecidas informações claras sobre o local da Conferência, início e fim, e tema. Os documentos nem sempre são facultados com a devida antecedência. Afirmaram ainda que não há uma comunicação transparente entre os diferentes	Os inquiridos foram de opinião que o Departamento de línguas não tem conseguido desempenhar o seu papel e que a nova direcção poderá implementar novas medidas de acordo com as orientações a receber da nova presidência, para facilitar uma melhor organização de reuniões.	Segundo os inquiridos, parece não haver uma vontade explícita em comunicar, pois os vários departamentos não estão em sintonia. Pensam que a nova presidência dará directrizes no sentido de serem aplicadas medidas que apontem para uma nova atitude em direcção a um objectivo comum.

						departamentos e a divisão de línguas. A informação nem sempre é clara, completa e recebida a tempo.		
--	--	--	--	--	--	---	--	--

Anexo XI - Mapa 2. Mapa Político da África Ocidental⁵



Fonte Banco Mundial (2007).

⁵ <https://serravallenaafricadosul.blogspot.pt/2013/11/>. Consultado em Maio de 2016.

Anexo XII - Quadro N. 1 - Países que constituem a CEDEAO, respectivas bandeiras, capitais, língua, moeda e população existente em 2009⁶ (em milhões de habitantes):

Bandeira/País	Capital	Língua	Moeda	População⁷/Milhões
 Benim	Porto Novo	Francesa	Franco CFA	8,6
 Burkina Faso	Ouagadougou	Francesa	Franco CFA	13,5
 Cabo Verde	Praia	Portuguesa	Escudo CVE	0,5
 Côte d'Ivoire	Abidjan	Francesa	Franco CFA	20,2
 Gâmbia	Banjul	Inglesa	Dalasi	1,8
 Gana	Acra	Inglesa	Cedi	25,0
 Guiné	Bissau	Portuguesa	Franco CFA	1,7
 Guiné	Conacri	Francesa	Franco guineense	23,5
 Libéria	Monróvia	Inglesa	Dólar liberiano	3,2
 Mali	Bamaco	Francesa	Franco CFA	12,5
 Níger	Niamey	Francesa	Franco CFA	12,5
 Nigéria	Abuja	Inglesa	Naira nigeriana	150,0
 Senegal	Dakar	Francesa	Franco CFA	13,5
 Serra Leoa	Freetown	Inglesa	Leone	6,6
 Togo	Lomé	Francesa	Franco CFA	6,0

Figura 3. Cabo Verde - Exemplo Mundial na Sociedade da Informação

⁶ Tabela de Indicadores de países da África Ocidental. Fonte: Revista *Conjuntura Austral* | ISSN: 2178-8839 | Vol. 2, nº. 8 | Out.Nov 2011. Lito Nunes Fernandes, Jean Christian Boukouna e José Fernandes Júnior. Consultado em Maio de 2016.

⁷ A população global da CEDEAO é de 262 Milhões de pessoas, sendo a Nigéria o país mais populoso.

Anexo XIII – Tecnologia de Informação em Cabo Verde

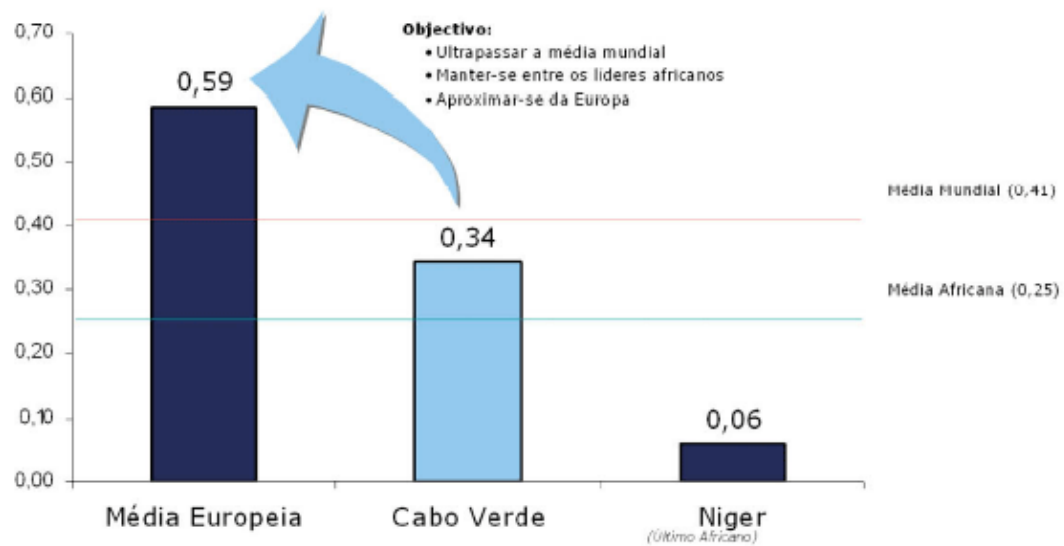


Cabo Verde é hoje um exemplo mundial no âmbito da aplicação das tecnologias de informação e comunicação (TIC) no seu processo de desenvolvimento, – Sociedade da Informação, – e no seu processo de governação, – Governo Electrónico. Adicionalmente, começa a emergir como um mercado competitivo para investimentos internacionais em TIC, nomeadamente em business process outsourcing, call centres, produção de soluções multimédia e desenvolvimento de software para e-Government. Grande parte deste sucesso deve-se ao modelo de governance adoptado e à liderança assumida pelo NOSI - Núcleo Operacional para a Sociedade da Informação.

Cabo Verde ocupa uma posição cimeira no índice de e-Government das Nações Unidas, que é um compósito de três índices: de webização, de infra-estrutura de comunicações, de capital humano. É o quinto país mais desenvolvido em África, estando perto da média mundial de desenvolvimento. A ambição do país é ultrapassar a média mundial.

Anexo XIV - Gráfico 1. Cabo Verde - Sociedade de Informação

Posição de Cabo Verde na Sociedade da Informação



Fonte: adaptação de dados do E-Government Readiness Index das Nações Unidas, 2004

Anexo XV - Fotografia de uma Escola destruída em Serra Leoa



Crianças a brincar à frente de uma escola destruída pela Guerra Civil, ocorrida na Serra Leoa no ano de 1991.

Anexo XVI - Do fenômeno social da transculturação e sua importância em Cuba⁸:

“...a transculturação de uma contínua torrente humana, de negros africanos, de etnias e culturas diversas, procedentes de todas as comarcas costeiras da África, desde o Senegal, passando pela Guiné, Congo e Angola no Atlântico, até as de Moçambique, na costa oriental do continente africano. Todos eles arrancados de seus núcleos sociais originais, com suas culturas destroçadas, oprimidas sob o peso das culturas aqui hegemônicas, como a cana-de-açúcar, moídas entre as rodas do moinho. E ainda mais, culturas migratórias, em ondas esporádicas ou em fluxo contínuo. Os negros trouxeram com seus corpos seus espíritos, mas não suas instituições e ferramentas. Vieram negros de uma multiplicidade de procedências: raças, línguas, culturas, classes, sexos e idades, misturados nos navios negreiros e nas senzalas, e socialmente nivelados pelo mesmo regime de escravidão. Chegaram arrancados, feridos e destroçados como a cana nos engenhos e como esta, foram moídos, espremidos para lhes tirarem o sumo do trabalho. Não houve outro elemento humano em mais profunda e contínua transmigração de ambientes, de culturas, de classes e de consciência. Foram transportados de uma cultura para outra mais potente, como os indígenas; Os negros, com o destino mais cruel, cruzaram os mares em agonia, acreditando que mesmo depois de mortos teriam que voltar, para reviver, lá na África, com seus pais perdidos. Os negros foram arrancados de outro continente, como os brancos; mas foram trazidos sem vontade nem ambição, forçados a deixar seus costumes tribais para aqui se desesperarem na escravidão, enquanto o branco, que abandonava sua terra desesperado, chegava às Índias em orgasmo de esperanças, transformado em amo poderoso”. Mais desgarrados que todos, foram aglomerados em jaulas, como animais, sempre com um sentimento de raiva impotente, sempre com ânsia de fuga, de emancipação, de mudança, e sempre em postura defensiva, de inibição, de dissimulação e de aculturação diante do mundo novo. Todos conviveram, em cima ou em baixo, num mesmo ambiente de terror e de força; terror do oprimido pelo castigo, terror do opressor pela revanche; todos fora da justiça, desajustados, fora de si. E todos em um doloroso movimento de transculturação a um novo ambiente cultural”.

⁸ Fernando Ortiz. *El contrapunteo cubano del azúcar y del tabaco*. Cuba: Editorial de ciencias sociales, La Habana, 1983. Tradução de: Lívia Reis. Fonte: <http://www.ufrgs.br/cdrom/ortiz/ortiz.pdf>.

Anexo XVII- Poema de Léopold Sédar Senghor. Traduzido por Guilherme de Souza Castro.

MULHER NEGRA⁹

Mulher nua, mulher negra

Vestida de tua cor que é vida, de tua forma que é beleza!

Cresci à tua sombra; a doçura de tuas mãos acariciou os meus olhos.

E eis que, no auge do verão, em pleno Sul, eu te descubro,

Terra prometida, do cimo de alto desfiladeiro calcinado,

E tua beleza me atinge em pleno coração, como o golpe certo
de uma águia.

Fêmea nua, fêmea escura.

Fruto sazonado de carne vigorosa, êxtase escuro de vinho negro,

boca que faz lírica a minha boca

savana de horizontes puros, savana que freme com

as carícias ardentes do vento Leste.

Tam-tam escultural, tenso tambor que murmura sob os dedos
do vencedor

Tua voz grave de contralto é o canto espiritual da Amada.

Fêmea nua, fêmea negra,

Lençol de óleo que nenhum sopro enruga, óleo calmo nos flancos do atleta, nos flancos dos
príncipes do Mali.

Gazelas de adornos celestes, as pérolas são estrelas sobre
a noite da tua pele.

Delícia do espírito, as cintilações de ouro sobre tua pele que ondula
à sombra de tua cabeleira. Dissipa-se minha angústia,
ante o sol dos teus olhos.

Mulher nua, fêmea negra,

Eu te canta a beleza passageira para fixá-la eternamente,
antes que o zelo do destino te reduza a cinzas para
alimentar as raízes da vida.

⁹Léopold Sédar Senghor, *Femme Nue, Femme Noi.*, Tradução: *Mulher Negra*. Fonte: <http://www.poesie.net/senghor1.htm>. Consultado em Outubro de 2015. +

Anexo XVIII - Poema de Léopold Sédar Senghor. Traduzido por Guilherme de Souza Castro.

VISITA¹⁰

Na escassa penumbra da tarde,
sonho.

Vêm me visitar as fadigas do dia,
os defuntos do ano, as lembranças da década,
como uma procissão dos mortos daquela aldeia
perdida lá no horizonte.

Este é o mesmo sol, impregnado de miragens
o mesmo céu que presenças ocultas dissimulam
o mesmo céu temido daqueles que tratam
com os que se foram

Eis que a mim vêm os meus mortos.

¹⁰Léopold Sédar Senghor. Poema VISITA.
Fonte: <http://www.quilombhoje.com.br/ensaio/ieda/senghor.htm>. Consultado em Outubro de 2015.

Anexo XIX - Fotografia de Léopold Sédar Senghor a mostrar o troféu quando foi eleito membro da Academia Francesa em 1983.



Léopold Sedar Senghor, Presidente do Senegal de 1960 a 1980.

Anexo XX - Mapa Cor-de-Rosa



Versão original do Mapa Cor-de-Rosa. Fonte: (MARQUES, 1969).